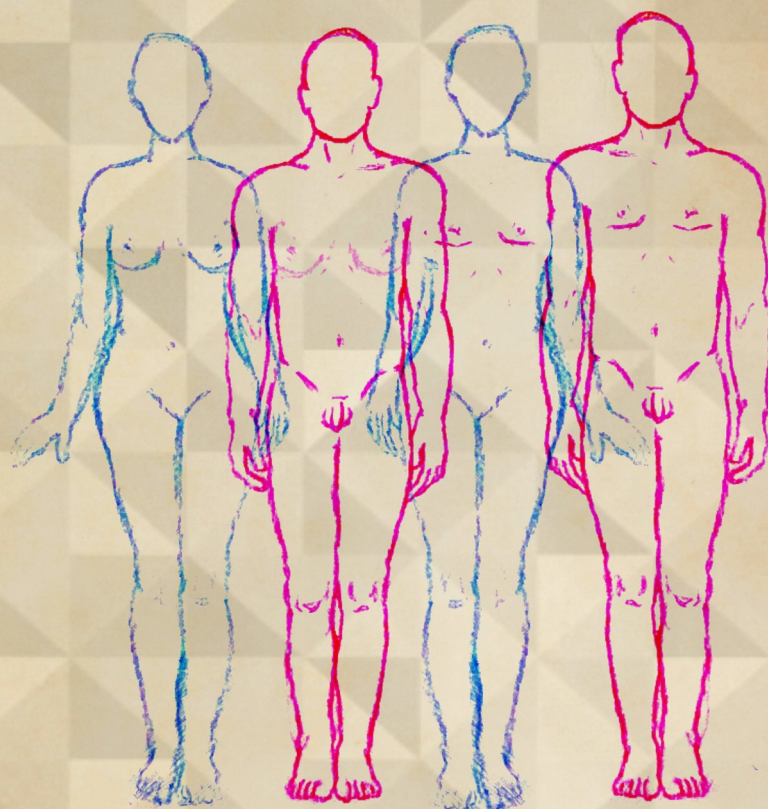


ISSN 2446-6973
ANO 2 - Volume 2 (2), 2015

Revista de Estudos e Investigações Antropológicas



Programa de Pós-Graduação em Antropologia da
Universidade Federal de Pernambuco

REIA – Revista de Estudos e Investigações Antropológicas Publicação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

A Revista de Estudos e Investigações Antropológicas – REIA é publicada semestralmente e organizada pelo corpo discente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Destina-se ao desenvolvimento das discussões contemporâneas na Antropologia em suas diversas áreas. A revista publica trabalhos inéditos em português, espanhol e inglês.

Organizadores: Francisca Jeannié Gomes Carneiro, Jailma Maria Oliveira, Jamilly Rodrigues da Cunha e Juliana Gonçalves da Silva.

Editores: Amanda Priscila Souza Silva, Arlindo José Netto, Daniela Sales de Souza Leão, Francisca Jeannié Gomes Carneiro, Gilson Rodrigues, Gláucia Santos de Maria, Jailma Maria Oliveira, Jamilly Rodrigues da Cunha, Juliana Gonçalves da Silva, Miguel Colaço Bittencourt, Raoni Borges Barbosa e Thiago Santos.

Avaliadores: Edwin Reesink, Lady Selma Ferreira Albernaz, Marion Quadros e Mísia Reesink.

Apoio Técnico: PPGA-UFPE



Ano 2, Volume 2(2):2015

REIA- Revista de Estudos e Investigações Antropológicas/Revista Discente do
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE. Ano 2, vol. 2(1), 2015.

Ilustração da capa: Corpos – Amanda Priscila Souza Silva

Revista de Estudos e Investigações Antropológicas: Programa de Pós-Graduação em
Antropologia/UFPE. Ano 2, v. 2(1) : 2015.

ISSN: 2446-6972.

1. Antropologia – Periódicos. I. CARNEIRO, Francisca Jeannie Gomes; CUNHA,
Jamilly Rodrigues da; OLIVEIRA, Jailma Maria; SILVA, Juliana Gonçalves da.

II. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Departamento de Antropologia e Museologia. Programa de Pós-Graduação em
Antropologia.

Endereço eletrônico: <http://www.revista.ufpe.br/reia/index.php/reia/index>

SUMÁRIO

Transversalidade, gênero e interseccionalidade: notas iniciais sobre a prática de formação de feministas. Parry Scott	9-16
É possível consentir no mercado do sexo? O difícil diálogo entre feministas e trabalhadoras do sexo Fernanda Maria Vieira Ribeiro	17-29
Relações de gênero e misoginia na construção da imagem pública de Dilma Rousseff Elizabeth Christina de Andrade Lima Jessica Thais Pereira de Oliveira	30-51
Homens Negros, Negro Homem: sob a perspectiva do feminismo negro. Alan Augusto Moraes Ribeiro	52-75
Entrevista IVALDINETE De ARAÚJO DELMIRO GÊMES: entre histórias e memórias Francisca Jeannié Gomes Carneiro Maria Eline Medeiros de Almeida	76-87

Apresentação do Dossiê Gênero e Sexualidades

Francisca Jeannié Gomes Carneiro¹

Jailma Maria Oliveira²

Jamilly Rodrigues da Cunha³

Juliana Gonçalves da Silva⁴

A proposta de um Dossiê sobre gênero e sexualidades como publicação da Revista de Estudos e Investigações Antropológicas - REIA relaciona-se a importância de abrir um espaço de diálogo e divulgação de trabalhos de pesquisadores (as) da área de gênero e sexualidades. Além disso, liga-se a relevância de uma discussão cada vez mais atual por demandarem implicações no contexto das relações humanas. O debate aqui proposto visa discutir questões em torno do poder político, social, econômico e cultural a fim de perceber os efeitos que eles exercem sobre os corpos através das diferenças e hierarquias estabelecidas ao longo dos tempos, que tem produzido e demarcado um campo de desigualdade e “invisibilidade”.

Desde os anos de 1970, os acontecimentos, no Ocidente, que contestaram um modelo de sociedade baseada numa estrutura heteronormativa, cuja centralidade tem o homem como figura emblemática, desencadearam ações políticas voltadas para problematização e desconstrução deste modelo. Destacam-se na história dessa inquietação dois grandes movimentos: a Segunda Onda do Movimento Feminista e a organização do Movimento Homossexual. A partir desses movimentos começa-se a pensar o que é ser homem e o que é ser mulher e como as possíveis classificações reverberam na vida social por meio dos papéis atribuídos a ambos. Junta-se a isto o papel exercido pelas instituições através de normas estabelecidas para a manutenção dos comportamentos “adequados”.

¹ Graduada em Ciências Sociais (Licenciatura) pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, mestranda em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE.

² Mestre em Antropologia, doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE.

³ Mestre em Antropologia, doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE.

⁴ Mestre em Antropologia, doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE.

As ações políticas dos movimentos feministas que impulsionaram o debate posteriormente contribuíram nas formulações de conceitos e postulados que hoje dão suporte para uma compreensão mais acurada do ponto de vista científico acerca das relações de gênero. Por sua vez, isto implicou em repensar a sexualidade como algo não mais separado de gênero e sim como uma dimensão conectada a esta categoria. Isto possibilitou também, refletir como gênero e sexualidades são construídos através mecanismos excludentes de um padrão socialmente pré-definido.

Essa discussão que vem ganhando amplitude no cenário social e acadêmico nos desafia a pensar para além dessa construção normativa, levando-nos a questionar as instâncias de poder e as práticas desenvolvidas que são responsáveis pela reprodução dessas diferenças e desigualdades que ditam os lugares e papéis sociais dos indivíduos.

Nesse sentido, os autores e autoras trazem reflexões sobre construções e desconstruções acerca dos significados de gênero, das sexualidades, feminilidades e masculinidades, bem como os processos e relações que marcam essas discussões.

Sobre o Dossiê

O trabalho que abre o nosso dossiê é o artigo de Russel Parry Scott, “Transversalidade, gênero e interseccionalidade: notas iniciais sobre a prática de formação de feminista”. Este trabalho apresenta como as pesquisas relacionadas ao feminismo e às mulheres passaram a fazer parte dos debates nos circuitos acadêmicos e como as polêmicas sobre o tema foram sendo discutidas, principalmente, entre as acadêmicas.

Em seguida, o artigo de Fernanda Ribeiro, “É possível consentir no mercado do sexo? O difícil diálogo entre feministas e trabalhadoras do sexo” discute as tendências, contradições e divergências entre segmentos feministas sobre a proibição ou a regulamentação do trabalho sexual a partir das discussões entre feministas “radicais” que pensam ser a prostituição uma violação dos direitos da mulher e as feministas ligadas à Human Rights Caucus que considera a prostituição um trabalho legítimo desde que consentido. Desse modo, a autora traz o tema para o contexto nacional, indicando a invisibilidade que o mesmo tem no debate político brasileiro e a necessidade de pensar

nas condições de trabalho as quais estão submetidas às profissionais e os profissionais do sexo.

O trabalho de Elizabeth Lima e Jessica Oliveira, intitulado “Relações de gênero e misoginia na construção da imagem pública de Dilma Rousseff”, por sua vez, discorre acerca da imagem da mulher na política brasileira tendo como *lôcus* de investigação o *ciberespaço*. As autoras analisam a forma como mulheres vivenciam a política e os recursos utilizados por elas para se legitimarem em um contexto tipicamente masculino, como é o universo da política. Assim, Lima e Oliveira, buscam compreender como se deu a participação feminina nas eleições de 2010 e 2014, trazendo para o campo das Ciências Sociais o debate acerca da relação entre cultura, mídia e política. Para tanto, tomaram como recorte de pesquisa, a candidatura de Dilma Rousseff (PT), atual presidenta do país que utilizou o espaço virtual para expor sua figura política e que se desdobrou, para além de outros pontos, em um processo de construção e desconstrução de sua imagem.

O artigo de Alan Augusto Moraes Ribeiro, “Homens Negros, Negro Homem: sob a perspectiva do feminismo negro”, apresenta questões sobre masculinidades negras e como essas podem auxiliar na compreensão dos próprios sujeitos. O autor registra neste artigo um conjunto de análises produzidas a partir da perspectiva da interseccionalidade sobre masculinidades racializadas, produzidas por homens e mulheres.

Por fim, neste número, apresentamos uma entrevista com a Cientista Social Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes, professora Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual Vale do Acaraú. A entrevistada relata, aspectos significativos de trajetória de vida, destacando sua formação como Cientista Social e seu percurso como militante. Faz algumas análises acerca dos estudos de gênero no Brasil, destacando os debates teóricos referentes e essa temática, ao mesmo tempo evidencia como a militância sempre esteve presente em suas investigações.